

## SAÚDE

# Receitas que matam

## Metade das prescrições apresentam erros. Falta treinamento para médicos

Antônio Marinho

Um cp/vo/8/8. O que parece uma difícil equação ou código indecifrável é, na verdade, a informação mais importante de uma receita médica: um comprimido via oral de oito em oito horas. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que mais de 50% dos medicamentos que circulam no mundo foram receitados, vendidos ou preparados de forma inadequada. Em grande parte esse índice se deve ao fato de que muitos médicos não sabem receitar e orientar seus pacientes. Das quase 170 faculdades de medicina no país, poucas cobram dos alunos a disciplina Uso Racional de Medicamentos (URM). A falta de critério e a má orientação quanto à utilização de remédios, associada ao hábito de automedicação no país, aumentam as chances de mais doenças e internações.

Na semana em que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) discutiu a proibição de emagrecedores, o problema do mau uso de remédios chama mais atenção. De acordo com a OMS, 50% das pessoas no planeta usam fármacos de forma errada. Só nos EUA, esses erros são responsáveis por 4% dos óbitos e 5% a 7% das internações. No Brasil, eles causam 30,7% das intoxicações e 19,7% dos óbitos, segundo o Ministério da Saúde.

— Medicamento não é bem de consumo. É insumo, é necessidade. Portanto, a produção e a comercialização deles não podem seguir as regras de comércio de bens de consumo. Esta lógica perversa precisa ser invertida urgentemente, caso contrário estamos perdidos — alerta Thaís Helena Abrahão Thomaz Queluz, titular do Departamento de Clínica Médica da Universidade Estadual Paulista, que instituiu na unidade de Botucatu o curso obrigatório de URM.

Esta iniciativa pioneira chamou a atenção do Ministério da Saúde, que está financiando a educação à distância sobre o tema e oferece prêmio para os melhores projetos voltados à promoção do URM. Entre problemas encontrados em receitas estão rasuras, letra ilegível, uso de abreviaturas, falta de explicação sobre os efeitos do medicamento e erros quanto à posologia. Thaís diz que médicos, dentistas e veterinários aprendem a prescrever como se seguissem uma “receita de bolo”, no ambulatório, na enfermaria, com o médico de plantão. O que é um erro.

— Não fazem isso por má fé, mas por despreparo e pouco conhecimento sobre o uso racional dos remédios — afirma. — E fatores como pouca informação e falta de questionamento por parte dos pacientes, pressão da indústria farmacêutica oferecendo vantagens (30% do orçamento dos laboratórios são destinados à publicidade), falhas em fiscalização e vigilância contribuem para agravar.

## Medicina baseada em evidências

• Ela lembra que usar medicamento não é normal. Dois terços das consultas resultam em prescrições e as reações adversas aumentam com quatro ou mais drogas:

— Qualquer medicamento causa efeito em todo o organismo. Nem sempre um medicamento novo é melhor do que outro já no mercado há tempo. Os médicos deveriam estar preparados para buscar informações seguras e confiáveis sobre as drogas — afirma.

José Miguel Nascimento Júnior, diretor do Departamento de Assistência Farmacêutica do Ministério da Saúde, diz que o órgão está preocupado com o problema e que tem investido na educação de prescritores e farmacêuticos, especialmente dentro dos hospitais. Esses profissionais devem levar em conta a medicina baseada em evidências, diz.

— Não é na indústria farmacêutica que eles vão se atualizar, nem no Google. Precisam buscar referências em bancos de dados, em literatura especializada. Já o paciente deve esclarecer todas as dúvidas com seu médico e farmacêutico; exija a presença dele.

Desiré Carlos Callegari, primeiro-secretário do Conselho Federal de Medicina, também defende o uso racional. Ele diz que uma medida importante é a digitalização das receitas e a implantação do prontuário eletrônico. O próprio Código de Ética Médica diz que receitas e prontuários ilegíveis podem ser usados em denúncia e processo.

— Uma receita bem escrita, clara, é uma forma de o profissional se proteger em casos de problemas com pacientes — diz. ■



## ► Para não adoecer ainda mais com os fármacos

Thaís Queluz/Arquivo

RECEITUÁRIO		
Identificação do prescritor:		
Nome Completo:	CRM:	UF:
Unidade/Enfermaria:	Telefone:	
Paciente: _____		
Endereço: _____		
<p><i>Ubral</i> <i>Atormentafina 20</i> <i>10ml comp / teste</i></p>		
de _____ de 20____		
Assinatura:	Carimbo:	

UM EXEMPLO de receita indecifrável, que leva pacientes a internações e até óbito

• **TEXTO CLARO:** O paciente tem o direito de exigir a receita clara, sem abreviaturas, e a orientação correta com relação ao uso do fármaco. Há drogas que não devem ser usadas de forma simultânea, como, por exemplo, antibiótico e remédio para problemas gástricos. As últimas podem interferir na absorção da primeira. Também peso, sexo, idade e consumo de determinados alimentos podem prejudicar a ação da droga. Medicamento também tem hora e prazo certos. Falta de tempo não é desculpa para o médico deixar de explicar como usar o receituário.

• **AUTOMEDICAÇÃO:** Para reduzir os problemas associados à automedicação, a Anvisa lançou uma cartilha para orientar o consumidor: [portal.anvisa.gov.br](http://portal.anvisa.gov.br) (no link educação e conhecimento). Mesmo medicamentos comprados sem necessidade de receita médica podem causar efeitos indesejáveis. Para evitar ainda mais problemas com intoxicações, os fármacos devem ser guardados em locais frescos, longe da luz, do calor e da umidade. Portanto, não devem ser armazenados na cozinha e no banheiro. Alguns remédios precisam ficar em temperaturas ainda mais amenas, como geladeira. Daí a importância de ler atentamente a bula e respeitar os prazo de validade. E, claro, todos os remédios devem ficar longe do alcance das crianças.

• **PARA OS MÉDICOS:** A doutora Thaís Queluz recomenda que os profissionais de saúde sigam critérios rígidos para a seleção de medicamentos e tenham visão crítica do arsenal terapêutico. A primeira pergunta que devem fazer é se uma situação clínica precisa de remédio, e se a droga vai modificar o curso da doença. Devem considerar sempre a medicina baseada em evidências.